



## ESTUDAR O LUGAR PARA COMPREENDER A SI MESMO E O MUNDO: análise de uma experiências pedagógica em Geografia desenvolvida com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental

Rodrigo Capelle Suess

rodrigo.capellesuess@gmail.com

---

Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Endereço: Rua 18, 330 A, Formosinha. CEP 73813-280. Formosa/GO

Cristina Maria Costa Leite

criscostaleite@gmail.com

---

Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Universidade de Brasília, com atuação na Graduação em Pedagogia e na Pós-Graduação em Geografia. Endereço: Faculdade de Educação, UnB - Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte. CEP 70910-900. Brasília/DF

### RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo avançar nas discussões e reflexões a respeito do conceito de lugar na educação geográfica escolar a partir de uma experiência pedagógica desenvolvida com os alunos do 6º ano de uma escola pública do Distrito Federal. A análise se debruçou em trabalhos desenvolvidos pelos alunos, que falavam sobre o lugar e o seus universos vividos. A pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa, a partir de 80 trabalhos escolhidos de 303. A organização das informações se deu por meio de categorias. Entre os resultados mais significados podem ser identificados o reconhecimento da diversidade de lugares e situações vivenciadas pelos discentes, o que inclui as muitas vulnerabilidades sociais e uma série de informações, que podem subsidiar tanto no processo de ensino-aprendizagem de geografia, quanto a elaboração do planejamento pelo coletivo de professores.

### PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Geografia, Lugar, Geografia Humanista.

**STUDY THE PLACE TO UNDERSTAND YOURSELF AND THE WORLD:  
analysis of an pedagogical experience in Geography developed  
with students of 6° year of Elementary School**

**ABSTRACT**

This study aimed to advance the discussions and reflections on the concept of place in school geographical education from a pedagogical experience developed with students of the 6th year in a public school of the Federal District. The analysis has looked at work done by students, who talked about the place and its experienced universes. The research was conducted a qualitative approach, from 80 works, chosen from 303. The organization of information was through categories. Among the most meaning results can be identified recognition of the diversity of places and situations experienced by students, which includes many social vulnerabilities and a lot of information, that can support both the geography teaching-learning process, as preparation of planning by the collective of teachers.

**KEYWORDS**

Geography teaching, Place, Humanistic geography.

**Introdução**

O presente artigo analisa uma experiência pedagógica desenvolvida com alunos do 6° ano do Ensino Fundamental, de uma escola no Distrito Federal. Nesse sentido, e tomando-se por base o conceito de lugar na perspectiva da Geografia Humanista, que é entendido como porção do espaço geográfico que possui algum significado ou sentido para um indivíduo ou grupo, foram sugeridos a elaboração de trabalhos, que tiveram por objetivo, não somente, explorar o mundo vivido dos discentes, como também, mediar o processo de construção do conhecimento a respeito do lugar e do espaço geográfico. O conceito de lugar foi estruturado por meio de conceitos espontâneos, estabelecidos pelo concreto vivido (casa, rua, bairro, sentimentos, experiências...), na intenção de reelaborar esse conhecimento sincrético e desordenado com intuito de mediar a construção do conceito de lugar em sua versão científica

Além disso, tal processo serviu para demonstrar que a Geografia está presente no cotidiano das pessoas, que a mesma possibilita oportunidade de compreensão do mundo a partir no lugar e por isso, permite um posicionamento crítico e reflexivo sobre esse. A pesquisa foi desenvolvida no contexto do exercício docente, com alunos de uma escola cujo público é oriundo, majoritariamente, de zonas urbanas centrais e periféricas da Região Administrativa de Sobradinho-DF, embora também receba alunos das zonas

rurais. De tal modo, o objetivo desse artigo é avançar nas discussões e reflexões a respeito do conceito de lugar na educação geográfica escolar, no que cabe seus fundamentos, caminhos metodológicos e mediação na construção de conhecimentos geográficos, a partir de uma experiência pedagógica desenvolvida com os alunos do 6º ano de uma escola pública do Distrito Federal.

Assim, os alunos realizaram um trabalho que reflete sobre suas percepções e convicções sobre seu próprio lugar, por meio de fotografias, desenhos e textos por eles elaborados. Para a realização dessa atividade, os alunos foram estimulados a falar sobre o local em que moram, sobre seus anseios, o que fazem no dia a dia, o que querem ser no futuro, o que gostam e não gostam; suas considerações e sentimentos sobre sua casa, bairro, cidade e locais que vivem e frequentam, relações que possuem com as pessoas desses locais; discutirem sobre qualidade de vida e zelo do poder público em relação à comunidade; identificarem as mudanças percebidas ao longo do tempo, entre outras questões que envolviam diretamente suas vidas.

Acredita-se que trabalhando essas questões fica mais fácil iniciar os estudos geográficos com os alunos e também introduzir conceitos geográficos como é o caso dos conceitos de espaço geográfico, lugar e paisagem - conceitos que devem ser estudados e iniciados com os alunos no 6º ano do Ensino Fundamental. Além do mais, é um trabalho que facilitou a abordagem de outros conteúdos ao longo do ano, como é o caso da cartografia. Para mediação desse conteúdo partimos da noção que aquele espaço, o espaço vivido de cada um, e o espaço além dele pode ser representado, que ele pode se tornar em mapas, cartas e croquis, o que possibilitou um interesse maior dos alunos pela cartografia e um processo de aprendizagem mais significativo para eles.

O trabalho foi realizado no decorrer de um bimestre, no período de março a maio em 10 turmas, o que corresponde a 303 alunos regularmente matriculados. Desse montante foram selecionados 80 trabalhos. Embora não tenhamos feito um trabalho rígido de seleção, o que levaria a definirmos critérios claramente pré-estabelecidos, e também, não tenha sido um trabalho que laçou a sorte da seleção aleatória, a escolha dos trabalhos para análise possui um pouco dos dois polos, uma mescla de intenção e sorte. Fala-se isso, pois tentamos escolher os mais variados "tipos" de trabalho, aqueles mais organizados, e aqueles menos, os mais caprichados e os menos também, aqueles de uma folha e aqueles de cinco...

A intenção não era pegar apenas os melhores trabalhos, pois estaríamos contemplando apenas os alunos que possivelmente tinha um tipo de desempenho e aproveitamento na escola, a intenção era selecionar os trabalhos desenvolvidos por

diversos tipos de alunos, um retrato mais próximo da sala de aula. Os mesmos foram analisados e sistematizados por meio de categorias, a saber: informações gerais sobre os alunos e seus universos vividos; significados e sentimentos que definem os lugares dos alunos; concepção sobre a qualidade de vida e serviços públicos do lugar em que habitam; transformações percebidas ao longo do tempo no lugar e mudanças que fariam para transformar o lugar e o mundo.

Esta pesquisa foi desenvolvida com uma abordagem qualitativa por se mostrar a mais adequada para a obtenção e análise dos dados pretendidos. A coleta de dados foi através de textos escritos pelos alunos. Os textos foram digitalizados e classificados em forma de categorias. Na redação do artigo essas categorias foram agrupadas em categorias maiores, como podemos ver nas subdivisões dos resultados e discussões.

A respeito da estrutura desse artigo, em um primeiro momento, visamos apresentar um pouco sobre a Região Administrativa em que se localiza a escola dos alunos. Logo após, vislumbramos discutir sobre o lugar e a mediação de conhecimentos escolares. Estando pronta a base teórica de nosso trabalho, foram apresentados o desenvolvimento do artigo na seção "resultados e discussões". Para melhor organização de ideias essa seção foi dividida em quatro partes, quais sejam: "informações gerais sobre os alunos e seus universos vividos", "significados e sentimentos que definem os lugares dos alunos", "qualidade de vida, serviços públicos e transformações percebidas ao longo do tempo no lugar", "super-heróis: mudanças que fariam para transformar o lugar e o mundo". Por fim foram feitas algumas considerações a respeito do trabalho.

### **Sobradinho: um pouco sobre o lugar dos alunos**

A Região Administrativa V - Sobradinho, local em que se encontra a escola, diferentemente das outras tem o seu núcleo planejado, embora a ocupação atualmente extravase e muito essa área. A mesma segunda sua Administração Regional possui uma população de 128.789 habitantes em 2010 (BRASÍLIA, 2015). A RA se localiza apenas 22 km de distância do Plano Piloto (Brasília) e 25 km de Planaltina-DF, 42 de Planaltina-GO, 22 km do Itapoã, 52 km do Paranoá e 65 km de Formosa-GO, perceptivas regiões de maior integração com RA.

Em janeiro de 2004 com a Lei n. 3.314 Sobradinho II foi desmembrado e transformado na Região Administrativa XXVI, contudo os limites das duas Regiões encontram-se em fase de estudo e ainda não estão definidos. A área urbana de

Sobradinho está repartida em: Setor Administrativo, Hoteleiro, Comercial, Central, Industrial, Esportivo, Setor de Grandes Áreas, Sobradinho II, Novo Sobradinho e diversos Condomínios. Já a área rural está fragmentada pelos Núcleos Rurais Sobradinho I, Sobradinho II e Áreas Isoladas: Sarandi, Mogi, Buraco, Paranoazinho, Córrego do Meio, Contagem e São João (DISTRITO FEDERAL, 2007).

Segundo Arrais (2004), diferentemente do plano piloto, o Distrito Federal resguarda outras regiões administrativas em sua maioria não planejada e de baixa classe, pois essas foram formadas em sua maior parte por pessoas pobres que migraram para construir Brasília (Plano Piloto) desde o final da década de 1950.

A RA tem como gênese de sua estrutura urbana o caráter habitacional, apesar de planejada para outras atividades, a RA gira em torno de atender as residências que ali se alojam. Dessa forma, o setor de serviço foi o que mais se desenvolveu, oferecendo para a população diversos serviços dos mais avançados, como o de saúde, aos mais simples, como é o caso do comércio informal.

De acordo com Arrais (2004) o Plano Piloto reúne um número maior de postos de trabalhos e equipamentos de consumo, o que faz muitas pessoas das RAs e do entorno deslocarem-se diariamente em busca desses serviços. Apesar de Sobradinho possuir um setor de serviços amplo, ela não consegue empregar toda a localidade e sofre com a grande centralidade de Brasília, principalmente no quesito emprego, em especial ao serviço público.

Apesar de possuir alguns serviços descentralizados, a RA assim como outras sofre grande influência e "intervenção" de uma centralidade maior, a de Brasília, que concentra a maior parte dos aparelhos do estado, e também a sede das empresas e cooperações que funcionam como atores hegemônicos da economia e do espaço, nesse último caso pode-se mencionar a influência dessas sobre a Ride.

A peculiaridade da forma que a RA foi habitada, por ora planejada, é fruto de alojamento de pessoas envolvidas em invasões e em áreas irregulares, mas também fruto da especulação imobiliária e a compra por empreendedores individuais, e por consequência a formação de condomínios, esses fatores nos ajudam a explicar as principais atividades desenvolvidas pela RA.

A RA pode ainda, ser alvo de especulação imobiliária e alvo do surto migratório a procura de habitação devido à expansão da população mundial e brasileira, como nos alerta Santos (2012), e, também por possuir áreas destinadas a habitação em seu plano piloto que não foram habitadas ainda. A oferta de habitações em preços inferiores ao

Plano Piloto faz da RA uma boa opção para aqueles que desejam possuir sua primeira casa na Ride.

Sobradinho, apesar de ser um RA com forte caráter habitacional, guarda em sua funcionalidade abrigar parcela da mão de obra destinada ao serviço público direto e terceirizado para Brasília. Deve-se observar que a despeito da centralidade e a dependência da RA com Brasília, possui uma gama de serviços e ofertas de empregos que atraem cidadãos da Ride. A cidade se destaca também por oferecer centros de vendas de materiais de construção e duas fábricas de cimento (Tocantins e Ciplan) contribuindo para o acelerado setor de construção civil de Brasília e da Ride. Outros serviços como: Concreto, gráficas, distribuidoras de alimentos e bebidas, escolas de línguas, mecânica, empresas de engenharia, motéis, agências de turismo, locadora de carros e outros serviços atendem a localidade e também pode atender a Ride.

## O lugar e a mediação de conhecimentos escolares

A construção de conceitos geográficos vem sendo considerada uma importante ferramenta para o desenvolvimento do pensamento dos alunos (CAVALCANTI, 2012a), visto que os mesmos possibilitam uma leitura e releitura do mundo com um viés espacial, crítico, reflexivo e humanista. "Assim, é fundamental que o professor domine mais que os conteúdos das diferentes especialidades da área, é necessário que ele tenha um conceito abrangente e profundo da geografia e de suas finalidades formativas" (CAVALCANTI, 2012a, p. 156).

A partir de Vigotski, entendemos que a formação de conceitos é um processo criativo e complexo, que envolve diversas funções intelectuais no qual a palavra acaba mediando todas as operações. A generalização é acompanhada pela síntese e pela constituição de um sistema. De uma imagem sincrética por meio do pensamento por complexos ao domínio da capacidade de abstrair, nasce o conceito. Quanto mais abstrato e sistematizado, mais próximo da sua versão científica, o enfraquecimento desses níveis o aproxima de sua variante espontânea, o que diferencia um do outro é o nível de experiência. Apesar de seguirem processos de formação muitas vezes diferentes um depende do outro em uma relação concreta-abstrata (VIGOTSKI, 2008).

Nesse aspecto, o conceito como processo intelectual existe para resolver um problema, o seu significado é mutável. "Um conceito não é uma formação isolada, fossilizada e imutável, mas sim uma parte ativa do processo intelectual, constantemente a

serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas" (VIGOTSKI, 2008, p. 67). No ensino, destaca Cavalcanti (2012a, 2012b), é a formação do pensamento conceitual que possibilita uma mudança na relação do sujeito com o mundo, se tornando uma capacidade fundamental para compreensão da realidade, extravasando a dimensão puramente empírica.

Como destaca Selbach (2010, p. 37) a Geografia se constitui em "um instrumento formidável para que possamos nos conhecer e nos compreender melhor, perceber toda a dimensão do espaço e do tempo, onde estamos e para onde caminhamos". O conceito geográfico que mais se aproxima dessa abordagem é o de lugar, conceito a ser explorado nesse artigo. Ele é um dos conceitos fundamentais da Geografia, destacando-se, principalmente, na vertente humanística. Seu estudo reverte em analisar os significados construídos no espaço, englobando em especial, as facetas do mundo vivido e da experiência.

Como menciona Tuan (1979) lugar não é, puramente, um fato a ser elucidado na ampla estrutura do espaço, é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. "Todos os actos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações, e, por conseguinte, criam lugares" (FREMÓNT, 1980, p. 133). Assim, entendemos que o lugar possui uma maior amplitude, deixando de ser visto como um local qualquer na superfície, para incorporar os sentidos experienciais, no qual cada pessoa reconhecerá o significado por meios das relações construídas e estabelecidas. Resumidamente, podemos colocá-lo como "qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas" (TUAN, 2011, p. 8).

Portanto, é um local em que se conhece, que se vive, que temos boas ou más lembranças. Ele é o nosso mundo vivido, ele envolve pessoas, experiências, sons, cores e cheiros, uma vez que "os sentidos não podem ser desligados das categorias espaciais" (KAERCHER, 2012, p. 181), ainda mais se tratando de um conceito que envolve uma relação prático-sensível dos sujeitos com o mundo. Um exemplo simples de lugar é a nossa casa, o nosso bairro e a nossa escola. "Estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas" (CALLAI, 2012, p. 72).

Conhecer o lugar é conhecer a si mesmo, o passado, as manifestações ocorridas e as forças modeladoras de determinado local, o anseio das antigas gerações, além de possibilitar reconhecer o fragmento temporal-espacial enraizado em nossa memória, permeado de gostos, vontades e visões de mundo, o lugar é uma mística do passado e do

presente, que nos fornece subsídios para alavancar para o futuro (SUESS, CARVALHO SOBRINHO, ALMEIDA, 2013).

O lugar além de ser um conceito fundamental na Geografia, ele é também um conteúdo a ser trabalhado principalmente no 3º Ciclo do Ensino fundamental, respectivos 6º e 7º ano, em especial na primeira etapa, ou seja, no 6º ano como destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (BRASIL, 2001). O lugar ganha destaque nesse documento, pois o mesmo não é apenas um conteúdo, mas um olhar para se conduzir o processo de ensino, visto que é o mais próximo do cotidiano do aluno, um dos pilares que o documento tenta erguer, o de mediar conhecimentos escolares com o cotidiano dos discentes.

Sobre o papel do lugar no ensino há um reconhecimento de sua importância por parte de diversos autores especializados no ensino de Geografia. Pires & Alves (2013, p. 244) acreditam que "o estudo do lugar a partir da experiência fenomênica dos alunos com o seu lugar de vivência permite, de início, a identificação e compreensão de cada um". Na mesma direção Callai (2012, p. 72) expõe que "compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem".

Cavalcanti (2013) confia que ao trabalhar o lugar do aluno, o mesmo estará conhecendo melhor seu local de vida cotidiana, seu bairro, sua cidade, bem como as propriedades e problemas de sua realidade geográfica, aguçando assim, sua capacidade de analisar esses lugares e compreendê-los em sua multiescalaridade. Ainda para a mesma autora (2013), esse conceito articulado com o conceito de cotidiano urbano e espaço simbólico atribui sentido aos conteúdos de Geografia para o próprio aluno, uma vez que o ajuda a relacioná-los com seu cotidiano. Assim, a tarefa da escola por meio de seus conteúdos, em especial os de Geografia, é de propiciar elementos "para que os alunos possam fazer um elo entre o que acontece no lugar em que vivem, na sua vida, no seu cotidiano, e o que acontece em outros lugares do mundo" (CAVALCANTI, 2012b, p. 143).

Para Callai (2012, p. 71):

Muitas vezes, sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos.



Nessa perspectiva, a de levar os alunos a conhecerem mais sobre o lugar em que vivem, que se foi proposto a elaboração por parte dos discentes um trabalho que teve como objetivo fazer uma análise do conceito de lugar a partir do cotidiano do aluno, envolvendo diversas atividades do dia a dia, as experiências com a rua, com o bairro e com a cidade. Como apresentado no roteiro "todas as questões apresentadas são assim de fácil resposta, exigindo apenas que você descreva e analise a sua realidade".

De acordo com Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009) o estudo do meio, no caso específico o estudo do lugar, envolve a interdisciplinaridade e permitem tanto aluno como professor a se envolverem em um processo de pesquisa.

Mais importante do que dar conta de um rol de conteúdos extremamente longo, sem relação com a vivência do aluno e com aquilo que ele já detém como conhecimento primeiro, é saber como esses conteúdos são produzidos. O processo de descoberta diante de um meio qualquer, seja urbano, seja rural, pode aguçar a reflexão do aluno para produzir conhecimentos que não estão nos livros didáticos (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2009, p. 173).

A proposta do estudo do meio de cada um visava valorizar a realidade e o conhecimento que cada discente possui do seu espaço vivido. De tal forma, não foi ignorado o saber do chamado "senso comum", do saber popular e, por conseguinte o contexto cultural de cada sujeito envolvido. "A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. 'Seu' mundo, em última análise, é a primeira e inevitável face do mundo mesmo" (FREIRE, 2011, p. 119).

De tal modo, visamos buscar no conhecimento "ingênuo" a base para construirmos o conceito científico de lugar. "Eu estou absolutamente convencido de que os homens e as mulheres não começaram, na história de sua presença no mundo, fazendo saber científico. Eles começaram exatamente a fazer o saber ingênuo. Esse é o ponto de partida histórico" (FREIRE, 2013, p. 187).

## Resultados e discussões

Para elaboração do trabalho os alunos receberam um roteiro, com alguns pontos e questões que deveriam aparecer no texto, foi dito que não precisavam obedecer a uma ordem necessariamente, é que outras informações poderiam ser apresentadas por eles. Nesse sentido, se tratou de uma proposta flexível.

Chama a atenção os diversos títulos estabelecidos pelos alunos que extravasam muito os comuns "trabalho de Geografia" e "Geografia", entre eles podemos destacar:

"Análise do cotidiano"; "O Lugar"; "Geografia do lugar"; "Minha vida"; "Minha vida detalhada!"; "Sobre eu e a minha família e onde vivemos..."; " Minha casa e minha família"; "Informação pessoal"; " Sobre mim"; "Minha história"; "A minha biografia"; "Da minha casa até a escola"; "O meu cotidiano"; "'O lugar' onde 'vivo'"; "O meu Cotidiano no espaço geográfico"; "Meu pedacinho de chão!"; "Meu cotidiano"; "Meu bairro"; "Casa, bairro, cidade..." e "Geografia: minha vida". Os títulos acabam revelando a criatividade dos alunos e também um pouco do significado e relevância dos seus lugares.

Entre as informações solicitadas encontram-se informações pessoais, tais como idade, local de nascimento, gostos e carreira profissional pretendida, informações sobre a família e pessoas que dividem a mesma habitação, tempo de residência no atual local. Características e sentimentos que envolvem a casa, o bairro e a cidade. Informações sobre quem são os seus amigos, onde moram, qual relação com a vizinhança. Questões sobre se preferem permanecer dentro de casa ou fora dela interagindo com os vizinhos e amigos; se sentem ofendidos quando alguém faz algum comentário ofensivo ao local em que mora; se acredita que possuem uma boa qualidade de vida no local em que residem; Se possui boa qualidade de vida e se poder público atende todas as necessidades; Se perceberam mudanças ao longo do tempo; E por fim, começando do bairro de cada um para depois pensar em mudanças maiores, se eles tivessem o poder de mudar o mundo o que fariam. Todos esses pontos e questões nos levaram a organizar esse trabalho por categorias como poderemos ver nos próximos tópicos.

### **Informações gerais sobre os alunos e seus universos vividos**

Dos trabalhos selecionados aleatoriamente 45 foram feitos por meninas e 35 por meninos. Sobre o local de moradia 47,5% moram no condomínio Nova Colina, 30% moram nas quadras próximas da escola (Quadra 14, 15, 17 e 18), 9% moram na Zonal rural, 6% não responderam e o restante moram em outros condomínios, em Sobradinho II e no Paranoá. A média de idade dos alunos do 6º ano é de 11,54 anos, dentro da média para o mesmo ano que é de 11 a 12 anos.

Sobre a estrutura familiar dos discentes, podemos dizer que 40% deles residem com mãe, pai e irmãos, 11% com mãe, pai, irmãos e parentes, 5% apenas com mãe e pai, 16% moram com suas mães e irmãos, 2,5% com mãe, irmãos e parentes, o mesmo para mãe e padrasto, e, mãe, padrasto e irmãos, 16,5% não apresentaram nenhuma resposta. Houve outras respostas também como só com a mãe; parentes; parentes e irmãos. Sobre esse montante, podemos dizer que 56% mantêm o núcleo familiar com pai

e mãe residindo juntos e 24,5% residindo com a mãe. Alguns discentes citaram ainda seus animais de estimação, cachorro, gato e periquitos como membros da família. A média de pessoas dividindo a mesma casa é de 4,9, porém chama a atenção algumas casas que possuem até 12 pessoas dividindo o mesmo espaço.

A respeito dos locais de origem dos pais e responsáveis destacam a região Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste. A maioria citou apenas os estados de origem, em ressalva para Bahia, Maranhão, Piauí e Pernambuco dessa primeira região, e, da segunda, Minas Gerais, a terceira, Goiás e o próprio Distrito Federal reforçando a movimentação interna dentro dessa unidade federativa. O tempo médio de moradia das famílias é de 14,3 anos, destaque para algumas famílias que moram a mais de 35 anos no atual local de moradia.

Entre as cidades do Nordeste mencionadas estão Teresina-PI, Bom Jesus-PI, Asa Branco-PI Fortaleza-CE, Recife-PB, Magalhães de Almeida-MA, Lima Campos-MA, Coelho Neto-MA, Serra Dourada-BA, Barreiras-BA, Santana-BA, Pombal-PB. Do Sudeste foram lembradas, João Pinheiro-MG, Unaí-MG, Paracatú-MG, Januária-MG, Nova Cruzeiro-MG e São Paulo-SP. Do Centro-Oeste, Goiânia-GO, Goianésia-GO, Anápolis-GO, Luziânia-GO, Uruaçu-GO, Campinorte-GO, Formosa-GO, Planaltina-GO, Brasília-DF, além das regiões administrativas de Taguatinga-DF, Brazlândia-DF, Fercal-DF. Essas informações constata a importância dos imigrantes na constituição da população de Sobradinho e do Distrito Federal. Outros estados de outras regiões foram citadas, como Rio Grande do Sul, Paraná e Tocantins.

A profissão dos pais ou responsáveis é quase todas do circuito inferior, ou seja, composta por atividades e prestações de serviços pouco modernos, com pouca requisição de escolaridade, comumente abastecidos pelo nível de venda e varejo e pelo comércio em pequena escala (SANTOS, 2008). As profissões mais mencionadas são cabeleireira, secretário(a), vigilante, pedreiro, mestre de obras, dona de casa, salgadeira, professor(a), comerciante, vendedor(a), caixa de supermercado, copeira, recepcionista, mecânico, eletricista, diarista, caseiro, técnico(a) em enfermagem e porteiro. Outras profissões como bombeiro, policial e autônomo foram citadas em menor número.

Já a profissão desejada por seus filhos e responsáveis, são atividades em sua maioria que necessita de ensino superior. As mais citadas são médico(a), advogado(a), veterinário(a), professor(a), policial(a), jogador de futebol, biólogo e bombeiro. Outras profissões também foram mencionadas em menor grau, como chefe de cozinha, delegado, modelo, atriz, dançarina, piloto de avião, arquiteto, dentista e entre outras. Uma das respostas chamou atenção, pelo grau de maturidade, "as vezes, paro pra pensar

sobre o futuro. O que quero ser? Bem, meio difícil está questão, porque a vida da gente muda tanto, a toda hora. Mas tem que ter alguma coisa pra gente começar a pensar, Então, atualmente, pretendo ser desenhista ou quem sabe, cientista" (DISCENTE A).

Em relação ao que eles gostam e não gostam, foram mais receptivos em responder o que eles gostam de fazer. As atividades giram em torno de brincadeiras, lazer, esportes, hobbies e hábitos. As brincadeiras mais citadas estão pique-esconde, pique-pega, pique-bandeira, escolinha, pular corda, lutinha, boneca e brincar com amigos da rua. O futebol também considerado uma brincadeira, aparece ao lado do basquete, ping-pong, ballet, corrida, andar de bicicleta e patins, como desportos citados. Atividades que envolvem os eletrônicos são muito bem lembradas como jogar vídeo game, mexer no smartphone, tablet e computador.

Afazeres como assistir televisão (programas de entretenimento e esportivos) e filmes (ação, aventura, comédia, terror...), passear no shopping, ficar com a família, comer bons alimentos, conversar com os amigos, sair com a mãe, ler livros, ir ao cinema, museu, igreja e biblioteca, escutar musica e desenhar também são recordados. Entre as poucas declarações do que não gostam de fazer está "não gosto de amizade falsa e de brincadeira sem graça".

### **Significados e sentimentos que definem os lugares dos alunos**

Nessa seção visamos explorar os sentimentos que rodam os diversos lugares dos alunos, da casa à cidade. A estrutura descrita das moradias é bastante variada, uma vez que, a escola engloba alunos de diversas localidades e situações socioeconômicas. O tipo de habitação é diferenciado, apartamento, barraco, chácaras e casas, predominando esse último. No geral, podemos dizer que a maioria dos alunos mora em residências pequenas e médias, como descrito. É bem difícil definir a noção de tamanho para os alunos, mas pelo exposto, podemos ter uma noção do que isso signifique em termos práticos: de 2 a 3 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 banheiro, 1 área de serviço, quintal e garagem. Mais incomuns são citados sala de computador, copa, área de piscina, galinheiro e casinha de cachorro.

São feitas algumas declarações e observações como "minha casa não é tão bonita dentro dela", "a minha casa é bem legal só falta pintar", "moro numa casa bonita todo no azulejo", "a cozinha é grande tem cerâmica". Algumas acabam denunciando as vulnerabilidades socioeconômicas vivenciadas pelas famílias, "não temos casa própria, moramos de aluguel numa casinha pequena. Ela tem sala, quarto, cozinha e banheiro e

não tem quintal somente um corredor, por isso não tenho muitas escolhas", "moro em um lote com vários familiares"; "minha casa é simples humilde, tem quartos cômodos, eu gosto quem entra nela entra alegre e sai mais ainda". Esse último comentário fica evidente que muitas vezes não é a condição socioeconômica que define a topofilia do lugar.

Os sentimentos pela casa são muito diversos, mas parece prevalecer um sentimento positivo que tem como elo fundamental a família, a segurança e a experiência com o local. Fato que pode ser evidenciado em diversas falas: "moro em uma casa grande e confortável, nela me sinto bem, gosto de estar no lugar onde meus pais estiverem"; "minha casa é pequena, humilde, mas feliz e agradável por que é nela que me sinto seguro"; "minha casa é agradável, nela eu me sinto bem"; "gosto da minha casa, pois ali eu tenho o carinho da minha família"; "na minha casa estamos super unidos, damos gargalhadas falamos as coisas do passado"; "ela é meu Porto Seguro"; "gosto da minha casa por causa da família"; "Eu amo a minha casa, lá dentro tem só coisas que eu amo". Além de tudo a casa é identificada como centro que atende todas as necessidades dos indivíduos "pra mim eu tenho tudo que preciso do bom e do melhor aqui".

A segurança embora seja relacionada pela maioria pela presença de pessoas bem quistas, como pai, irmãos e até mesmo parentes, superando o medo causado por violentos bairros em que grande parte do alunado vive, para alguns ela está relacionada também com o isolamento e proteção de muros altos e equipamentos de segurança. "Eu me sinto seguro no lugar onde moro, o prédio é cercado com grades e tem interfonos nas entradas"; "gosto muito de morar no apartamento, por que não tem ninguém há incomodar"; "na minha casa segura, não tenho medo de assaltar". As descrições nos fazem relacionar o local com as pessoas em que ali convivem, bem explicitado da frase de Pocock (1981, p. 337), no qual os "lugares devem ser considerados como pessoas e pessoas como lugares".

O carro é visto por um discente como uma ferramenta que permite conectar o local em que mora com outras localidades, contribuindo assim para a segurança, trabalho e lazer da família, contribuindo para a casa se tornar um local bem quisto. "Gosto da minha casa porque meu pai tem um carro para ir para o trabalho, serve para a nossa família passear e ir aos locais com segurança".

A casa, apesar de ser um local mais fechado, é dotada para uma boa parte de um sentimento de espaciosidade, ou seja, possui uma sensação de estar livre e ter espaço para realizar seus desejos, uma "liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar" (TUAN, 2013, p.70). Essa questão pode ser bem elucidada em

frases de alunos: "Minha casa é muito espaçosa no qual não me falta lugar para brincar" e "a minha casa é grande, tem muitas árvores e locais para brincar". Aspecto que pode ser justificado por a rua e o bairro estarem transmitindo cada vez mais a sensação de apinhamento para os alunos, devido a violência e a falta de segurança como veremos mais adiante. Porém, não é raro encontrarmos alunos tendo o sentido inverso, ou seja, se sentem apinhados em casa pelas cobranças e conflitos familiares e na rua encontram a espaciosidade já que ali não possui muitas regras a seguir e podem desfrutar de "novas" experiências. "Eu não gosto de ficar em casa, a rua é meu lugar".

De tal modo, a maioria dos discentes expressaram preferir ficar dentro de casa do que a rua. Vale destacar um comentário pelo nível de maturidade e reflexão:

Sinceramente eu preciso ficar fora de casa porque eu gosto de me enturmar com as pessoas e não acho legal ficar preso dentro de casa porque dentro de nossas casas a gente fica muito parado sabe! Já fora não, você consegue se conectar ao universo, traduzindo a natureza sabe! tudo existe. Você consegue ter contato com as pessoas, se enturmar, e é tão bom você fingir que o mundo parou e se consertar, sentir e perceber o quanto sua vida é valiosa. É igual quando vou pescar com minha mãe nós ficamos em silêncio e ouvimos e escutamos a água corre, pássaros a cantar e o vento bater nas folhas das árvores fazendo um musical lindo! (sic!) (DISCENTE B)

Os discentes expuseram o que gostam e não gostam em suas residências, embora encontramos alunos que afirmem: "eu gosto da minha casa inteira". Entre os locais e características mais citadas, além do quarto e quintal que será trabalhado separadamente, foi as pessoas que frequentam a residência, a localização, a sala, "gosto da sala também porque lá brinco com meus irmãos e assistimos vários desenhos", "o lugar que me sinto bem e o quarto da minha mãe, as vezes até tarde conversando, comendo", "eu gosto mais da cozinha por que minha mãe faz bastante coisas gostosas". Já os locais e características que não gostam incluem também lugares circunvizinhos a casa. São citados o barulho feito pelos irmãos, a lavanderia, "sótão, porque lá é escuro, é grande e perigoso"; "a cozinha por que eu as vezes me machuco", "não gosto de lá porque o prédio fica balançando é dá medo"; "não gosto do bar que tem ali na esquina, lá tem muito bebo e é muito barulho..."; "Não gosto do bar que fica em frente a minha casa, porque lá tem muito barulho de som e de pessoas alcoolizadas"; "o lugar que não gosto é as esquinas e outros lugar perigoso". Assim, eles acabam expondo também problemas sociais enfrentados em suas localidades o do alcoolismo, falta de assistência social e violência.

O quintal é um espaço vivido da casa bastante lembrado. Nele "costumo brincar de vôlei e queimada com minha bola", "dar para jogar futebol e botar uma piscina se bota uma piscina", "no quintal eu costumo brincar", "lá eu me sinto seguro, solto pipa,

jogo bola", "no quintal eu brinco com o meu gato", "meu cachorro" e "onde eu me balanço na rede". Assim, o quintal descrito pelos discentes tem um requinte de espaço aberto, livre para brincar e ao mesmo tempo seguro e íntimo por está dentro do lar. Esse subespaço dentro do residência é lembrado também como local no qual " minha mãe planta as plantinha dela ali", "tipo cebolinha, flor, couve", "rosas vermelhas", "colhe maracujá e acerola", "meu pai planta pé de manga", "minha vó planta flores", " minha mãe estende as roupas lá as vezes" . De tal modo essa repartição é povoada de outros significados para os adultos que veem nesse local uma possibilidade de complementar a alimentação, lavar roupa e secá-las e até mesmo ocupar a cabeça com hobbies.

O quarto é visto com muita atenção pelos discentes, as principais características descritas desse mundo particular de cada um é a segurança, privacidade, intimidade, conforto e o poder que eles têm sobre essa repartição da casa. "Gosto muito do meu quarto, pois nele que eu fico sozinho sem 'ninguém' pegando no meu pé enchendo meu saco"; "pois lá eu tenho mais privacidade"; "pra mim o meu quarto é meu mundinho"; "o meu quarto é meu refúgio, é onde mais gosto de ficar"; "gosto do meu quarto pois nele eu tenho computador e a minha televisão e meu vídeo game"; "o espaço é só meu"; "gosto do meu quarto pois lá eu durmo e me sinto seguro"; "Eu gosto muito do meu quarto nele posso fazer tudo que eu quero". Alguns veem essa repartição como um local de inspiração "gosto muito do meu quarto por que ele e muito bonito e trás alegria" e "o cômodo que mais gosto é meu quarto, pois lá que tiro ideias principalmente para produção textual". Quem não tem acaba reivindicando um quarto só para si: "não tenho quarto durmo no quarto com minha vó, mas gostaria de ter".

A rua envolve um enorme gama de significados, e de acordo com o bairro e as experiências vivenciadas por cada um assume papel de mocinha ou vilã. A rua foi bastante discutida nos textos elaborados pelos alunos e não poderia deixar de ser por se constituir no meio público mais próximo do lar. Ruas pacatas sem movimentos, ruas sem saída, ruas muito movimentadas, movimentadas em alguns horários, ruas de comércio, ruas com asfalto e iluminação, ruas de terra, sem iluminação e esgoto, ruas esburacadas e sujas, estas são as ruas relatadas pelos alunos. "Minha rua é movimentada, tranquila com pessoas que respeitam uns aos outros"; "a minha rua é cheia de casa, é afastada e nela te meus amigos, vizinhos que jogo bola"; "gosto muito de brincar na minha rua, pois ela é muito tranquila e conheço todo mundo". Embora haja muito elogios em relação as ruas, o que predomina é a descrição e denúncia de vulnerabilidades sociais vivenciadas em suas realidades mais próximas.

O cotidiano marcado por medo, violência, insegurança é mencionado, pessoas se drogando, policiais em busca de infratores, pessoas alcoolizadas em bares e nas esquinas parecem constituir um cenário "normal" para muitos alunos. A chegada da noite faz com quem o medo aumente: "eu não gosto de ficar de jeito nenhum na rua principalmente a noite porque não é muito seguro". Alguns reclamam ainda do som auto, das "vizinhas fofoqueiras" e da "safadeza" presenciada na rua. "Minha rua é muito problemática pois é a única do lugar em que não possui asfalto por causa das infraestruturas, meu bairro é esburacado por causa das chuvas", esse comentário evidencia a naturalização do descaso público com a comunidade, os problemas de infraestrutura acaba sendo visto como um problema da natureza e não de descaso por parte do governo.

Da mesma forma, foi muito rica a descrição da experiência com o bairro, o que de ressalva daria um trabalho exclusivo para tratar apenas dele. Muito dos sentimentos exposto pela rua é ampliado pelo bairro como a questão da violência, falta de infraestrutura, medo e descaso público. O que observamos é a grande desigualdade existente entre os alunos da escola. Enquanto alguns dispõem de uma "quadra onde moro é bem tranquila, é pertinho da escola, shopping, mercado. Tem praça com parquinho e não tem nenhum problema com segurança. Brincamos a vontade, o ambiente é familiar, bem limpo e organizado" e "o condomínio tem algumas regras que impedem algumas brincadeiras" a maioria segue a regra da falta de policiamento e serviços públicos em suas localidades. "O meu bairro é muito perigoso para viver pois tem muitos bandidos e assaltantes e drogados nas esquinas por falta de policiamento no local que vivo"; "perto de minha casa tinha um parquinho mas eu não podia ir porque tinha muito ladrão e maconheiro então eu não ia só, posso ir quando tem policiamento rondando o parquinho"; "é um lugar bom e no mesmo tempo ruim porque é perigoso tem muito noiado, e eles já tento me roubar, ai eu falei para minha mãe e ela falou para eu ter cuidado filho para não ser assaltado porque eles poderia me bater até a morte" (sic!). A casa de avós, tios, primos e amigos além de mercadinhos, padarias e pracinhas são locais frequentados na dimensão do bairro, portanto, fazem parte do universo vivido de cada um.

A cidade foi assimilada pela maioria dos alunos como a região administrativa de Sobradinho, contudo haja alunos que citaram o plano piloto como parte de sua "cidade". É certo que os discentes não conhecem toda a cidade, mas fragmento da mesma, os locais mais citados por eles são a rodoviária, o estádio de futebol, o shopping, o teatro, as feiras tradicionais da cidade, a quadra central, o parque ecológico dos jequitibás, clubes



e a BR 020 que perpassa a RA. No caso para aquele que consideram o plano piloto como parte de sua cidade, são citados a esplanadas dos ministérios e a rodoviária central.

A rodoviária de Sobradinho é tomada com sentimentos negativos para a maioria dos alunos. "A rodoviária é o local que menos gosto, pois tem muitos bêbados, drogados, os ônibus não possuem horário certo é horrível". A BR 020 é tomada de significados negativos, considerada perigosa por muitos, fato que se confirma cotidianamente pelo número de acidente e mortes que acontecem nessa rodovia. Já o shopping, o estádio de futebol e o Parque Jequitibás são eleitos os favoritos e repletos de bons significados. Possui alguns que saem em defesa de sua cidade "pra quem acha que Sobradinho e sem graça, está muito errado. Se você não sabe só no Parque Jequitibás existe três nascentes".

Sobradinho é percebida por muitos alunos como um bom lugar para se morar e passear. Como expõem alguns alunos: "minha cidade é legal, bonita, alegre e sempre tem um lugar pra passear e se divertir"; "viveria aqui a vida inteira"; "é o lugar que mais gostei de morar até hoje". Porém, os problemas de uma cidade que sofre com a centralidade de Brasília, como o excessivo crescimento de sua periferia ao mesmo tempo que falta recursos públicos e aumenta a violência os alunos não deixam de notar que a cidade está mais violenta e perigosa de viver. "Eu gosto de Sobradinho, mas ultimamente está muito perigoso pelas ruas"; "Existe coisas ruins, são bastantes tiroteios, roubos até mesmo chacinas". Há reivindicações para deixar a periferia e ir morar no centro, visto que esse oferece de maiores infraestruturas e instalações de lazer: "a minha cidade é também muito barulhenta e acontece mortes também, mas eu gostaria de morar lá [sobradinho sede] pois tem muito lazer e é mais calmo e tranquilo".

"O que eu mais gosto na minha cidade, no meu bairro ou na minha rua, são as pessoas, elas são bastante legais e confiáveis" afirma um discente. O que mais chama atenção nesse trabalho é a importância das pessoas na significação dos lugares. A família é lembrada por muitos alunos, assim como os amigos, os seus nomes, os locais onde moram, a proximidade, a saudade e a distância. Essas pessoas parecem funcionar como uma liga entre esses alunos e seus lugares. Mesmo em locais com bastantes vulnerabilidades sociais, os alunos quando descrevem sobre as pessoas que são do círculo de amizade e familiar, deixam um pouco de lado o sofrimento vivenciado e expressam os diversos sentimentos positivos que possuem para com essas pessoas.

Um dos pontos que daria um caloroso debate em sala de aula é se eles sentem ofendidos quando alguém tece algum comentário ofensivo ao local em que moram. Foram muitas respostas e vários pontos de vistas. Mas podemos dizer, de modo geral, que a maioria se sente ofendido com esse tipo de comentário, por entender que ao falar do

lugar em que vivem estão falando mal também da própria pessoa, da família e amigos que ali residem.

A reação para aqueles que se sentem ofendidos são variadas: "me sinto ofendido quando falam mal do local em que moro, mas não falo nada para não dar briga"; "fico com muita raiva, mas deixo pra lá"; "fico triste e brigo com a pessoa"; "fico com raiva [...] gostando ou não é minha casa!"; "sinto muito mal, pois meus pais trabalham muito para comprar aqui"; "super ofendida [...] afinal eles nunca moraram pra saber como que é"; "eu meto um chute na bunda"; "me sinto envergonhado"; "eu reajo falando: 'pois eu gosto da minha rua e to nem ai porque você pensa!"; "minha reação e partir para briga eu não levo desaforo para casa"; "eu não gosto quando ofendem ou falam mal de onde eu moro por que todo mundo tem sua casa e pra que falar mal da casa onde moro. Eu me sinto ofendido por que ninguém pode falar mal do lar dos outros"; "não me sinto ofendido [...] porque sou muito feliz e grato a Deus pela minha família". Os comentários acabam ofendendo os alunos que moram no campo e estão envolvidos em movimentos sociais: "moro em uma área rural e me chamam de sem terra e eu fico muito ofendida"; "me sinto ofendido e discriminado por motivo de ser uma vila".

Existe uma parcela que não se sente ofendido, pois gostam muito do lugar e o fato do comentário do outro não lhe afeta: "irei apenas ignorar, pois não existe lugar melhor do que a nossa casa"; "não fico ofendido, pois tenho orgulho de onde moro"; "pelo menos tenho m lugar para morar"; "eu não me ofendo com comentários dos outros"; "eu não ligo por que a minha casa e bonita até demais. Eu não ia ligar para esse tipo de bobagem". Alguns deixam se abaterem pelas críticas e acabam concordando com a ofensa: "eu sinceramente não me sinto ofendido, porque Nova Colina realmente não e boa porque caramba não dá, tão dando tiro direto na rua, tem carro apostando racha toda hora"; "a minha reação é infelizmente escutar e concordar com algumas coisas"; "é só é a verdade".

As respostas apresentadas aqui são importantes, visto que mostram a capacidade dos alunos de argumentarem e exporem seus sentimentos sobre o lugar e a interferência da opinião do outro na forma de conceber o lugar. Na próxima categoria vislumbramos em desvendar ideias sobre qualidade de vida, serviços públicos e transformações percebidas ao longo do tempo no lugar em que vivem.

## **Qualidade de vida, serviços públicos e transformações percebidas ao longo do tempo no lugar**

A qualidade de vida não apenas dos alunos, mas de qualquer ser humano depende de muitos fatores, como um meio ambiente saudável, um clima familiar favorável, condições socioeconômicas necessárias, serviços públicos de qualidade e entre outros elegíveis ou não pelos seres humanos. Uma das metas dessa seção foi perceber como os alunos percebem a qualidade de vida e a que maneira eles relacionam essa qualidade de vida com os serviços públicos.

Fica evidente que os alunos que moram nas quadras planejadas de Sobradinho, tenderam a falar que possuem certa qualidade de vida e relacionaram essa qualidade como serviços de água, esgoto, iluminação pública, hospital, transporte, esgoto e segurança, embora exista muitas reclamações também. "Eu acredito que na minha rua, tem uma boa coleta de lixo, quando eu vou ao hospital, somos bem atendidos, a iluminação é boa"; "Acho que há uma boa qualidade de vida onde moro, pois existe água encanada, luz, transporte, iluminação pública, coleta seletiva do lixo, esgoto, praça de esportes e outros"; "é um ótimo lugar pra mora, e o poder público atende as nossas necessidades"; "só precisa melhorar o transporte de ônibus". Alguns alunos relacionaram qualidade de vida com a boa relação com os vizinhos "posso uma boa qualidade de vida e uma boa vizinhança". A qualidade de vida está relacionada com uma associação de bairro que atenda a demanda e reivindicações de seus moradores "as pessoas que moram aqui nunca teve problemas de água e luz que durasse mas que um dia, porque o que acontece é só falar com a Dona Andreia e o seu André, eles são os presidentes da nossa associação".

Para os alunos que moram nas áreas mais periferias e com menos infraestrutura a reclamação é maior, o que mostra a existência de um senso apurado é crítico por parte dessa população. Existem muitas respostas descontentes com a qualidade de vida do seu bairro, outras que afirmam certa qualidade de vida, mas reclamam melhoras para seu bairro: "precisamos de esgoto, asfalto e segurança"; "não temos transportes públicos e nem coleta de lixo e outros"; "as vezes tem mosquito da dengue é isso e muito perigoso"; "falta transporte, médico de qualidade"; "as tampas de esgoto fica aberta e fica fedendo"; "não possui um lazer tipo um parque, uma quadra de esporte"; "onde eu moro não tem água potável, nem infraestrutura, e nem rede de esgoto"; "poderiam também melhorar o asfaltamento das ruas de Nova Colina, pois elas estão todas esburacadas, isso é o que eu acho que tem que mudar"; "o asfalto que é de péssima qualidade, quando chove abrem-

se crateras dificultando o acesso ao bairro". Muitos acreditam que a qualidade de vida possa melhorar, fator que seria impulsionado para eles, se o governo desse mais atenção para todas as áreas de Sobradinho.

Embora existam muitos protestos a respeito da situação real em que muitos se encontram, é interessante notar que a maioria dos alunos perceberam transformações ao longo do tempo em seus bairros, sejam elas positivas ou negativas. Dessa forma, podem compreender que o espaço é histórico e está sendo construído e reconstruído a cada instante conforme os sujeitos envolvidos, sejam eles membros da comunidade, membros externos ou do poder público. A percepção de mudança não é a mesma para todos e é percebida de diversas formas e em escalas diferentes. Alguns perceberam apenas mudanças pequenas e isoladas, outros conseguem relacionar as mudanças ocorridas nos seus locais com as ocorridas em esferas maiores. "Minha rua mudou um pouco ao longo dos anos, por exemplo, uma casa que fica em frente a minha, antes costumava ser sem nenhuma grama, nem plantas, nem cerca, mas agora ela tem uma área verde, uma cerca branca e está mais bonita"; "Antes no meu bairro tinha uma escolinha velinha em que estudei, agora ela ta reformada bonitona"; "o bairro mudou muito ao longo dos anos foram construídos muitos prédios e casas para a moradia de pessoas, mas com isso houve o aumento da violência e do número de carros causando congestionamento".

O processo de urbanização acaba dividindo opiniões, pois ora esse processo tenha levado mais infraestruturas e construções esse mesmo processo contribuiu para a superlotação das cidades, aumento da violência e congestionamento como defende muitos. O comentário de um dos alunos chama a atenção por tratar a urbanização como um processo da natureza e sem impactos maiores, o que poderia ser desmitificado em sala de aula, elucidando essa inverdade não apenas para esse discente, mas para todos aqueles que pensam do mesmo modo. "Essas mudanças são positivas porque ouve um processo de urbanização natural sem destruições e alterações significativas à natureza".

As transformações mais notadas são aquelas que envolvem a modificação da paisagem por meio de construções de novos prédios, casas, farmácias, muramento das residências, praças, asfaltamento, postos de saúde, comércios e entre outras. Essas construções são vistas com positivas ao lado das melhoras nos serviços públicos. Já as mudanças negativas sobrecam sobre o aumento da criminalidade, violência, do número de usuários de drogas e deteriorização de algumas estruturas físicas e serviços públicos, como é o caso da massa asfáltica das ruas.

As transformações são percebidas também em relação ao meio natural, devido o processo de ocupação e conseqüentemente a substituição da vegetação por novas

construções, se dando assim a destruição da natureza e do Cerrado: "antigamente era só mato árvores agora eles estão destruindo a natureza"; "mudou muito sim, por que aqui era Cerrado". As modificações ocorridas no local em que vivem também se tratam de mudanças no comportamento, como percebido por um aluno "o bairro que moro mudou bastante e para pior, porque as pessoas são muito diferentes do que antes, antes eles cumprimentaram todo mundo, mas mesmo conhecendo a gente, eles passam e não falam com ninguém".

Alguns alunos têm a dificuldade de perceber enquanto agente transformador do meio ambiente, atribuindo a outras esferas esse papel de mudança: "a minha rua não mudou muita coisa, porque o governador não ajuda". Sabemos que as mudanças não pararam e também depositamos forças para melhoras, assim como acredita um discente, que deposita no futuro anseio de melhoras: "ainda quero que Sobradinho melhore, pois assim não está bom". De olho no futuro e na perspectiva de novas transformações espaçotemporais promovidas pelas novas gerações caminharemos para a última seção.

### **Super-heróis: mudanças que fariam para transformar o lugar e o mundo**

Na última parte escrita do trabalho foi sugerido aos discentes para que fizessem comentários sobre o que fariam para mudar o mundo se tivessem poder, iniciando a mudança do bairro de cada um para depois pensarem em uma mudança global. Esse tópico além de envolver com a imaginação dos discentes, é um foco de esperança para nós professores que trabalhamos para que essas gerações façam as devidas apropriações e transformações no/do espaço geográfico. Além do mais permite desvendar algumas concepções de mundo dos alunos, e até mesmo trabalha-las, evitando o preconceito, discriminação e juízos de valores que afetem o outro.

Começando de uma escala mais local alguns alunos deixariam o seus bairros mais bonitos, "mais coloridos", construiriam mais casas bonitas, pracinha e quadra de esportes. As mudanças não acabam por aí, "gostaria que as ruas fossem asfaltadas", "consertaria os buracos das ruas", "arrumaria os postes, colocaria grama no campo de futebol que temos do lado da igreja", "tiraria os matos das faixas verdes, tiraria o entulho e para que jogar de novo teria que pagar 1000 reais". Alguns melhorariam os serviços públicos, "colocaria mais médicos no hospital de Sobradinho", ampliava o número de ônibus disponíveis para seus bairros e diminuía com a violência. Outros não se esqueceram da escola, local que ele tornariam mais agradável, a reformaria e

"transformaria a minha escola em um lugar limpo, bonito, com lanchonete e várias coisas boas".

Em uma escala maior são múltiplas as ações pretendidas. A maioria é bastante solidaria e melhoraria a educação, saúde e segurança. São muitas propostas para tornar o mundo melhor, entre elas: "deixaria o mundo sem violência"; "queria que o mundo não tivesse pecado, todos fossem amigos e não brigassem"; "diminuiria a pobreza"; "faria melhores escolas, melhores hospitais, melhores morarias, acabaria com a desigualdade social"; "tiraria a fome das pessoas pobres, tiraria os mendigos das ruas e a violência no trânsito"; "não teria guerra, ninguém ia ser mesquinho e ganancioso"; "aumentaria o salário dos necessitados para ninguém passar necessidade"; "reformaria casas para quem não tivesse condição"; "proibiria os adultos bater em crianças"; "não deixaria os idosos sofrerem no asilo".

Alguns alunos se mostraram sensíveis ainda ao meio ambiente, ao combate ao preconceito e ao contexto de crise política e hídrica vivenciada no Brasil. Para muitos deveriam acabar o desmatamento da Amazônia e deixarmos de poluir o mundo. O cerrado não foi citado, fato que mostra que os discentes ainda não internalizaram esse bioma como importante ou simplesmente não o conhecem. Outros acabariam com o preconceito e racismo no Brasil. Porém um comentário trás a tona um dos temas debatidos no cenário nacional, o casamento gay, um aluno menciona que "proibiria casamentos gays". A redução da maioria também é lembrada por um discente que segundo o mesmo "mandaria construir muitas prisões, para prender os bandidos e assassinos, incluindo também os menores de idades pois eles também cometem crimes e também devem ser presos e deveria para todos prisão perpetua para ter certeza que eles nunca irão cometer crimes". Esses comentários evidenciam que esses e outros temas devem ser discutidos em sala de aula e na sociedade, visando desmitificá-los e construirmos uma sociedade mais solidária e igualitária.

Alguns discentes mencionam que deixaria o mundo com mais água, fazendo referência a crise hídrica vivenciada, principalmente, pela região sudeste. Temas do cenário político não deixam de incomodar os alunos, que propõem medidas para acabar com a corrupção, melhorar as leis e diminuir os impostos. Existem soluções mais radicais como tirar a presidente Dilma e mexer com o Congresso Nacional. Desse modo, sabendo que a escola tem o papel de possibilitar que essas mudanças sejam mais próximas possíveis do concreto através das ações de seus sujeitos terminamos esse trabalho com um foco de esperança:

É desejável que muitas coisas melhorem sim, é importante e realmente necessário. Mas mudar o mundo pra mim, sozinho não dá. Seria começar uma guerra já perdida. E essa mudança no meu ver, nem pode ser encarada assim, tem que ser mais uma questão de consciência, amor, respeito, educação, para que realmente surja efeito e aí sim as coisas mudem. Mudar, melhorar na verdade, eu acredito sim que seja possível, desde que as pessoas mudem suas mentes, coloquem em prática o bem, preservem melhor sem matar, roubar, destruir... Quem sabe, todos, num mesmo propósito como o mesmo pensamento e atitudes as coisas fluem, o melhor prevaleça. Essa "guerra" sim, eu estaria disposto a entrar e entraria acreditando numa vitória bem maior. Sempre ouvi a frase "não faça com os outros o que não gostaria que fizessem com você". Eu começo por isso, assim devagar, com um gesto de carinho, amor, e educação, o meu bairro, cidade, estado, país e mundo vai ficando melhor. Pois a mudança mesmo que discreta, já vai começando! (sic!) (DISCENTE C).

### Considerações finais

Os resultados apontaram uma diversidade de locais, realidades socioeconômicas, gostos, ensejos e concepções de mundo vivenciadas pelos discentes. Informações que além de contribuir para sistematização do conceito de lugar, permitem ao professor aperfeiçoamento de seu processo de ensino-aprendizagem e relações interpessoais com seus discentes. Confirmaram que a proposta se constitui em uma importante ferramenta pedagógica para explorar e levar os alunos a reconhecerem a geografia de seus mundos vividos, uma vez que põem em evidência as experiências diárias e corriqueiras, o mundo de seus sentimentos, percepções e valores relacionados aos locais e pessoas de convivência.

Muitas informações apresentadas nesse trabalho permitiram descobrir diversas vulnerabilidades socioeconômicas que muitos alunos sofrem em seus contextos. Fato que permite o professor ser mais solidário com os alunos, ajudando-os por meio da educação a compreender melhor sua realidade e levando-os a superar no futuro essas contradições. Esses mesmos dados podem subsidiar na avaliação coletiva de professores, na elaboração de projetos sociais, na elaboração do próprio projeto político pedagógico da escola e entre outras ações que podem ser desenvolvidas pelo coletivo da escola.

Outro objetivo desse trabalho foi levar os alunos a descobrirem que sabem, e sabem muito, principalmente, de seu meio vivido. Assim, permitem que eles vejam a

Geografia mais próxima de suas realidades e não apenas restrita ao livro didático e a sala de aula. Muitos das informações mencionadas por eles tratam de conhecimento geográfico sobre suas localidades, o que falta é rigor metódico e sistematização desses conhecimentos, papel que é dado a escola e a sala de aula. Outro aspecto que pode ser observado e reforçado é o fato que as vivências e o convívio familiar influenciam nas percepções sobre os lugares e sobre as coisas.

Foram apresentadas muitas concepções de mundo a serem trabalhadas pela escola. O saber popular não deve ser menosprezado, mas muitas coisas deles devem ser superadas, em especial, aquelas que levem ao preconceito e a discriminação do outro. Dessa forma, as concepções apresentadas não devem ser vistas como empecilho, mas como ponto de partida para uma educação mais problematizadora, crítica e humanista. Nós professores devemos assumir a responsabilidade e reconhecer que a Geografia pode atuar e contribuir pedagogicamente para o desenvolvimento de concepções de mundo, sendo assim, lutemos para uma fazer pedagógico que permita desenvolver nos alunos um olhar independente, emancipatório e humanista.

## Referências Bibliográficas

BRASÍLIA, Governo. Administração Regional de Sobradinho. **Sobradinho**. Disponível: <[www.sobradinho.df.gov.br/servicos/conheca-o-sobradinho/sobradinho.html](http://www.sobradinho.df.gov.br/servicos/conheca-o-sobradinho/sobradinho.html)>. Acesso em: 02 jun. 2015. AULETE, Caldas. Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2004. 896p.

**BRASIL**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Geografia. Brasília: MEC/SEF, 2001b.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012a.

\_\_\_\_\_. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2012b.

\_\_\_\_\_. Geografia escolar e a busca de abordagens teórico/práticas para realizar sua relevância social. In: SILVA, Eunice Isaias da; PIREZ, Lucineide Mendes (orgs.). **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, p.45-68, 2013.

DISTRITO FEDERAL, Governo do (2007). Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Coletânea de Informações socioeconômicas** - Região Administrativa RA V - Sobradinho. Disponível:<[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA\\_Sobradinho.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA_Sobradinho.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Tolerância**. Organização, apresentação e notas Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.



- FREMÓNT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980, 220 p.
- KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, p. 115-143, 2000.
- PIRES, Lucineide Mendes; ALVES, Adriana Olivia. Revisitando os conceitos geográficos e sua abordagem no ensino. In: SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes (orgs.). **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, p. 235-254, 2013.
- POCOCK, David. Place and the novelist. **Transactions of the Institute of British Geographers** N.S., (6), p. 337-347, 1981.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- SELBACH, Simone. **Geografia e didática**. São Paulo: Vozes, 2010, 152 p.
- SUESS, Rodrigo Capelle; CARVALHO SOBRINHO, Hugo; ALMEIDA, Suelen Alonso. Abordagem e perspectivas do conceito lugar em livros didáticos de Geografia do 6º ano do ensino fundamental. In: **Anais do EDIPE - Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino**, 5, 2013. Goiânia: UFG, 2013.
- TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S; OLSSON, G. (orgs.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht: Reidel, p. 387-427, 1979.
- \_\_\_\_\_. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 01, n. 01, p. 4-15, Inverno 2011.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013a, 248 p.
- VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica de José Cipolla Melo. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, 194 p.

Recebido em 14 de fevereiro de 2016.

Aceito para publicação em 04 de julho de 2016.